

UM PLANO EDUCACIONAL PARA A FORÇA AÉREA



Maj Brig do Ar R/R LAURO N. MENEZES

A grande quantidade (e que aumenta dia-a-dia) de nossos militares que passou a frequentar os bancos universitários, nos últimos tempos, já parece merecer um estudo e análise de suas razões no meio da Força Aérea. Não que haja “erro cometido” na opção, mas, sen-

do fato inusitado (como se pretende provar), parece realmente merecer uma pesquisa...

Para um antigo “mestre-escola”, já acostumado aos “brados e lamúrias” dos nossos “estudantes” nas fainas da EAOAR, CPEA, ECEMAR etc, é difícil entender como esse ele-

vado contingente se submete, passiva e pacificamente, a um novo processo escolar, a ele dedicando suas minguadas horas ou de lazer ou de convívio com a família! E sem “brados e lamúrias”, o que é mais curioso!

Tentando arrazoar sobre o fenômeno (invulgar em termos numéricos) concluímos que parece ser o problema relacionado com o processo educacional em curso. Ou melhor, com a inexistência de um “Plano Educacional Permanente” para os nossos Quadros. Um Plano que esteja permanentemente presente durante o transcurso de toda a carreira e não episodicamente, como é a volta aos bancos escolares atualmente prevista nos Regulamentos.

Enfrentemos os fatos. A FAB foi criada em período de guerra e, na realidade, o que fizeram nossos antepassados e pioneiros foi “pôr de pé” uma Organização Militar que, desde aquela data e até hoje, continua a ter uma destinação mesclada dentro do panorama militar brasileiro: desenvolvimentismo e defesa. Encurralada nesse contexto, a Academia da Força Aérea, que durante diversas gerações de Cadetes se viu às voltas com currículos variáveis, (decorrentes da mencionada “destinação mesclada”) ... “não teria garantido aos seus Aspirantes uma formação intelectual ampla e flexível que viesse a assegurar a abertura desejada, necessária para a aquisição de novos conhecimentos” (mesmo sendo uma inverdade, pelo menos, esse é o pensamento que habita a mente de alguns). Tentando incutir o gosto pelo vôo, alguns — curioso! — reduziram a importância do aprimoramento na fundamentação intelectual continuada e atualizada no soldado-do-ar dos anos 2000, criando uma mentalidade “sui generis” no espírito do Oficial novo e oposta à idéia que se impõe, até mesmo à mocidade escolar dos dias de hoje: atividade (aérea) moderna = permanente atualização/aquisição de conhecimentos! Essa é uma verdade inquestionável e fundamentada em dados e fatos, e que nenhuma sociedade organizada, nos dias de hoje, ousa negar. Seremos nós os primeiros?

Além disso, as Unidades Aéreas de Instrução, recipiendárias dos Oficiais recém-formados, sempre assoberbadas com problemas típicos de reduzidos efetivos, manutenção e suprimento além do extenso engajamento no Programa de Transição Operacional que lhes compete, nem sempre conseguem garantir aos seus estagiários nada que esteja além das “exigências mínimas” para essa instrução de vôo e para o desenvolvimento de carreira no plano operacional. Com isso, pouco (ou quase nada) é dedicado às atividades intelectuais extra-curriculares.

Por outro lado, engajadas na execução dos Programas de Vôo e manutenção do estado operacional de suas tripulações, as Unidades Aéreas de Emprego quase sempre são compelidas a deixar para o plano secundário o Programa de Instrução Terrestre (Acadêmico). Além disso, não existindo um compromisso tácito entre o escalão subordinado e o escalão superior, com relação ao cumprimento desses mínimos acadêmicos (já que os POp só tratam, acertadamente, da atividade aérea), quase sempre essas manifestações de caráter intelectual caem no rol das matérias de menor prioridade.

Mesmo considerando a dificuldade de fazer contornar a inexorabilidade dos elementos antes citados, há que se convir que a Oficialidade, criada sob a égide de tal conjuntura e, ainda, sem estar sendo conduzida e/ou motivada para um alargamento de seu horizonte intelectual, consegue apenas ser mantida — em nossa apreciação — em um nível mínimo cultural, o que peremptoriamente não lhe satisfaz, razão pela qual opta pela marcha na direção dos bancos universitários. É um retorno ...

Embora a realidade seja, seguramente, menos cruel do que a que acima descrevemos, as nossas poucas bibliotecas testemunham que os nossos Oficiais (se não os homens de uniforme azul-baratéia) pouco lêem, o que nos fornece elementos para sustentar a tese. Nem mesmo os livros de aviação ou relacionados com a profissão conseguem despertar maior in-

teresse. O que parece estranho. Mas, neste caso, o desconhecimento de uma língua estrangeira, que propicie leitura de bibliografia importada, é um sério agravante, o que — de alguma forma — poderia justificar a ausência de leitores, já que assuntos sobre aeronáutica e espaço modernos são, prioritariamente, impressos em outra língua que não o português. Cumpre, pois, dominar outro idioma ... com um clima desse tipo, todas as tentativas de assegurar uma aquisição continuada de conhecimentos (mesmo que ela seja diretamente relacionada com o trabalho que está sendo realizado pelo homem no imediato momento), têm tido pouco sucesso.

Aparece, então, um brado de interrogação e alerta: estará, até mesmo, a curiosidade profissional desaparecendo?

Assim, inseridos nesse panorama, sem orientação cultural institucionalmente dirigida (a não ser aquela contida nos Cursos Regulares), os Oficiais ascendem aos primeiros postos da carreira sem carregarem, de um para o outro, a bagagem de cultura e conhecimentos que, "in totum", obrigatoriamente já deveriam possuir. Nesta fase chegam a assumir pequenos Comandos e Chefias.

E é a partir desse estágio na carreira que um grande número de Oficiais, principalmente dos postos intermediários, passa a dedicar o seu pouquíssimo tempo disponível, fora de seus horários de trabalho, a cursos nas Universidades! E o fazem até mesmo nos penosos cursos noturnos! Essa atitude — isso sim — parece indicar a adoção da premissa (por parte desses universitários) que os assuntos profissionais, estando plenamente conhecidos e dominados (?) estariam com sua temática esgotada (em termos quantitativos ou qualitativos) e, por consequência, poderiam passar a ser vistos como de menor importância (?) ... e que, portanto, estariam todos isentos até de "reciclagem ou atualização" ... Neste momento, perguntamos: "Já que, nas últimas décadas, mais de cem mil novas (absolutamente desconhecidas) informações no campo do conhecimento aeroespacial

foram colocadas à disposição dos profissionais desta área e que esses conhecimentos "envelhecem" cerca de 5% ao ano, como justificar tal postura da parte de alguns de nós"?

Por tais razões, e por força da situação numérica de estudantes universitários fardados atingida nestes últimos anos, fomos levados a crer no aparecimento de uma onda de "formação intelectual autogestionada" no seio dos homens de uniforme azul-baratéia.

Urge, parece, adotar uma medida corretiva, talvez estabelecendo um "Plano Educacional Permanente para a Força Aérea" que, praticado de forma somatória e perseverante, permita o incremento no domínio da intelectualização dos nossos homens e atenda, ao mesmo tempo, aos impulsos dos mais ambiciosos, dos curiosos e dos que possuem maior potencialidade e — por que não? — a alguns dos muitos reclamos da própria Força.

Um "Plano Educacional Permanente para a Força Aérea" permitirá preencher, "a posteriori", os "claros" porventura existentes nos currículos da AFA, nos programas de Instrução Terrestre das Unidades Aéreas, nos currículos acadêmicos da EEAER, dos Cursos da Área de Saúde, da EAOAR, da ECEMAR etc, etc, assim como ocupará o tempo porventura disponível para alguns, fazendo uma acomodação de assuntos de interesse geral e institucional, eliminando alguma superposição de currículos ... buscando obter a tão desejada compatibilização e, também, a aspirada complementação cultural.

Esse Plano será, assim, um "circuito fechado" funcionando por consenso e não somente institucionalizadamente (em tese) e garantirá uma orientação e ampliação intelectual, permitindo o que a Força Aérea Brasileira, "en masse" requer: uma ação educativa permanente (não episódica), visando ao aprimoramento profissional, mantendo a Oficialidade - antes de mais nada - continuamente comprometida com as manifestações intelectuais de interesse da carreira ... e não apenas com as escolhas (aleatórias) individuais! ■